REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

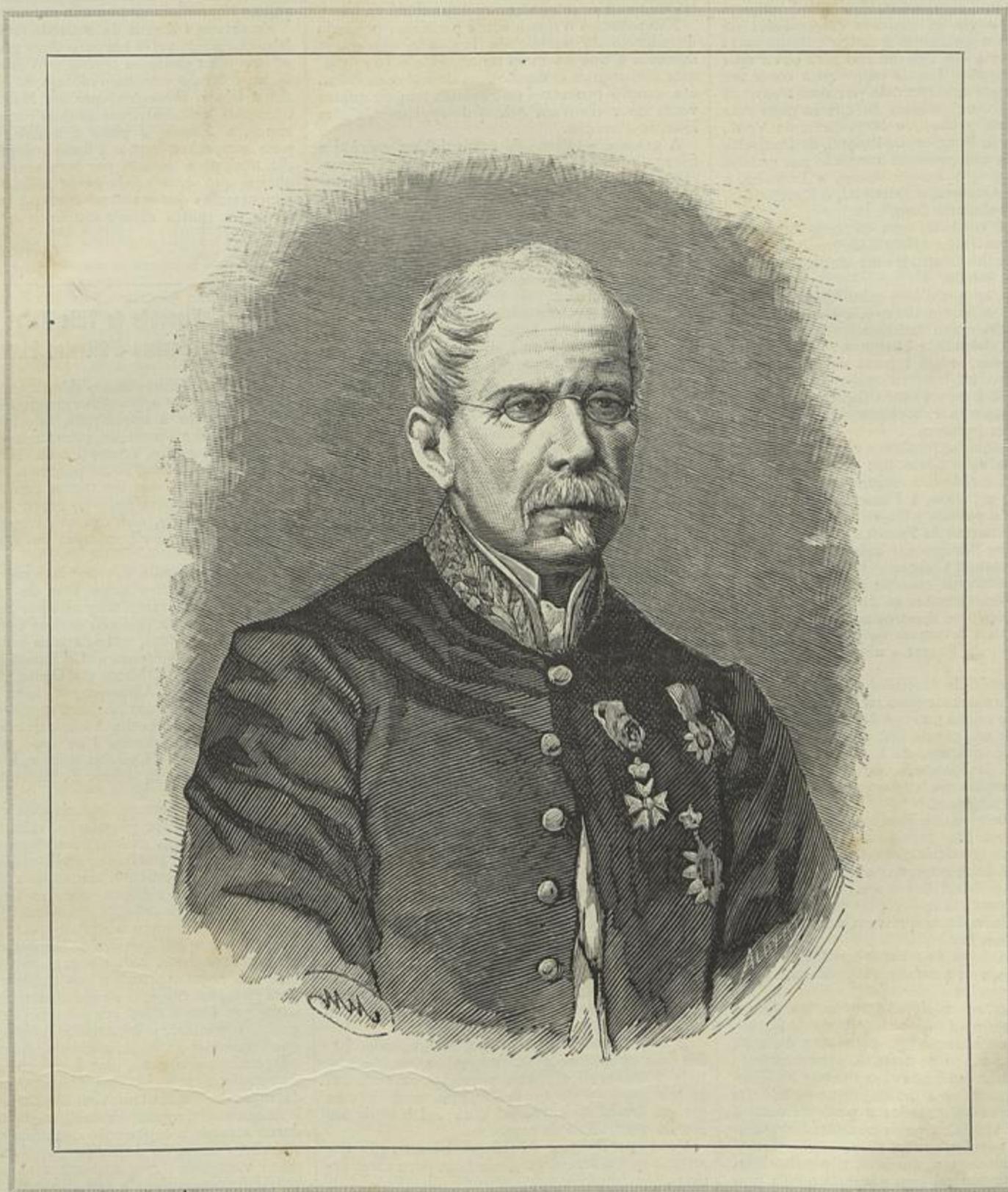
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 211

1 DE NOVEMBRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

VISCONDE DE VILLA MAIOR, REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — FALLECIDO A 20 DE OUTUBRO DE 1884 (Segundo uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

A novidade do dia, o grande acontecimento é a Judic, essa Judic tão falada, que ha muitos annos Lisboa esperava cheia de curiosidade e que finalmente o sr. Freitas Brito teve o arrojo de cá trazer.

E dizemos arrojo, porque trazer a Judic a Lisboa é negocio d'um bom par de contos de réis, e a curiosidade publica não é coisa em que um empresario se possa fiar com muita segurança.

E isto provou-se agora.

Havia uma grande curiosidade de ver a Judic, a Judic de quem os jornaes parisienses dizem todos os dias maravilhas, essa Judic que é a *coqueluche* de Paris, que faz com o seu talento *successos* colossaes a peças que o não são, essa Judic que dá que falar ás chronicas theatraes com o seu talento excentrico d'actriz, e ás chronicas mundanas, com o seu luxo elegante de mulher, e apesar de tudo, essa grande curiosidade recuou deante dos camarotes a 27$000 réis e das cadeiras a libra...

É verdade que para isso ha varias rasões, sendo duas das mais importantes os preços baratissimos de S. Carlos e o logro da Favart.

Effectivamente comprehende-se que quem está habituado a ouvir as maiores celebridades do mundo lyrico a quartinho a cadeira, hesite antes de se resolver a dar seis mil réis para ouvir uma cantora d'operetta. Ter de pagar para ouvir um *vaudeville* vulgar representado por uma *troupe* de provincia, cinco vezes mais do que se paga para ouvir as obras primas de Meyerbeer, de Verdi, de Massenet, de Wagner, de Rossini, de Donisetti, cantadas com um *ensemble* completo por artistas como a Pasqua, a Borghi-Mamo, a Donadio, a De Reské, o Gayarre, o Devoyod, o Kaschmann, o Uétam, é realmente duro.

Uma vez, é verdade, uma empresa annunciou os espectaculos d'uma celebridade franceza, e elevou os preços do theatro a uma altura a que elles nunca tinham subido.

E o publico, apesar d'essa exhorbitancia de preços, correu a encher o theatro, e deu por muito bem empregado o seu dinheiro.

Mas essa celebridade chamava-se Sarah Bernhardt, um nome e um talento unico no mundo contemporaneo.

Depois, d'alli a mezes outro theatro annunciou, com preços tambem exhorbitantes, outra celebridade dramatica franceza.

E o publico que se lembrava ainda do bem que empregára as suas libras nas quatro recitas do Gymnasio, foi e cobriu a assignatura.

Levanta-se o panno, a Favart entra em scena, representa, e o publico acha-se roubado.

E o fiasco enorme da Favart é e será por muito tempo o maior inimigo das celebridades extrangeiras que vierem a Lisboa.

A Sarah Bernhardt enchera de enthusiasmo os lisboetas, a Favart encheu-os de desconfiança.

E agora quando os theatros annunciam celebridades artisticas e levantam os preços, o publico lembra-se logo da Favart e não põe o pé no camaroteiro.

A sua ingenuidade ludribiada estabeleceu uma quarentena permanente para os *reclames* dos jornaes e prefere muito mais perder uma celebridade do que perder um par de libras.

É facto que o nome da Judic devia estar ao abrigo d'essa desconfiança, devia prescindir da quarentena: mas uma vez enganado o publico não se fia em ninguem.

E depois a celebridade justificadissima da Judic, a sua fama real não tem passado entre nós do dominio muito restricto d'aquelles que se occupam de coisas de theatro, que andam em dia com o movimento theatral da França.

Vão lá perguntar á maioria do publico, mesmo do publico illustrado, o que vem a ser a *Lili* e a *Mam'zelle Nitouche?*

Tirado meia duzia de artistas que lêem, de homens de lettras, e de *touristes*, ninguem sabe o que isso é.

Foram todas estas circumstancias, os preços usuaes dos theatros de Lisboa, o logro da Favart, o reportorio exclusivamente parisiense da Judic que fizeram com que na noite do apparecimento da celebre actriz em Lisboa, o theatro da Trindade não se enchesse á cunha, e que os bilhetes em vez de serem disputados a peso de ouro á porta, fossem vendidos pelos contratadores desilludidos mais baratos que na casa.

E nós lamentamos muito isso, não pelos interesses dos emprezarios, com que nada temos, mas pelos interesses d'aquelles que lá não foram e que deixaram de ver uma das actrizes mais extranhas e mais encantadoras que ha hoje no mundo.

A peça de estreia da Judic foi a *Lili*, de Hennequin e Millaud, um dos mais ruidosos *successos* parisienses dos ultimos annos.

Judic ao entrar em scena foi recebida friamente. Estouraram d'um canto da sala umas palmas, logo abafadas por uns *schius!* inconvenientes e pedantes: inconvenientes porque essas palmas eram, primeiro que tudo, *la bienvenue* a uma estrangeira e a uma mulher, que tem um nome conhecido no mundo inteiro e que pela primeira vez se apresentava na nossa terra; pedantes porque tinham os ares de oppôr á opinião da critica e do publico de quasi toda a Europa o *veredictum* em suprema instancia dos entendedores de Lisboa.

O publico podia não gostar da Judic, mas n'esse caso *tant pise pour lui:* devia convencer-se de que a Judic veiu aqui simplesmente fazer-se ouvir, não veiu buscar a consagração do seu nome, e que applaudida ou pateada isso nada importaria á sua carreira, á sua gloria e ao seu talento.

Recebida assim, a actriz unica no seu genero, por um publico que tem o uso de saudar com uma salva de palmas todas as debutantes que saem dos theatrinhos particulares para os theatros publicos, Judic foi ouvida com frieza durante todo o acto, que ella representou e cantou deliciosamente, e quando o panno caiu nem uma palma sequer. Havia todos os symptomas gelidos d'um fiasco.

Não sabemos o que a actriz parisiense pensaria do silencio do publico da Trindade, mas o que sabemos é que no meio do segundo acto as palmas estouraram enthusiasticas de todos os lados, e a canção provençal foi repetida tres ou quatro vezes no meio d'um delirio de applausos, d'uma loucura d'ovação.

A graça e o talento da actriz tinham vencido a frieza do publico, tinham-lhe feito esquecer a porção de mil réis que pagára pelo seu logar, tinham-lhe desvanecido completamente todos os resentimentos e desconfianças.

E o *successo* foi crescendo sempre, quando o panno cahiu Judic teve muitas chamadas, e quando a peça terminou uma ovação enorme, bem merecida, conquistada, arrancada pelo talento á frieza dos espectadores.

Ora effectivamente nós nunca vimos em theatro nada parecido com Judic. É uma actriz extraordinaria sobre tudo pela singeleza, pela simplicidade com que ella alcança os maiores effeitos.

Não é sem mais nem mais, não é por acaso, não é pelo favor de meia duzia de jornalistas, que uma actriz consegue tornar-se celebre em Paris, consegue alcançar o primeiro logar n'um genero puramente parisiense, n'um genero em que os francezes tiveram a grande Dejazet, o *vaudeville*, e n'um genero em que tem ainda a celebre Teresá, a *cançoneta*.

E n'esses dois generos, ultrapassando tudo o que Paris tinha visto de melhor, a Judic creou um genero novo, um genero exclusivamente seu, de que mais ninguem tem o segredo no mundo.

Em genero é tudo o que ha de mais delicado e encantador; é o *detalhar* da phrase com um olhar, com um movimento de labios, com um meneio de cabeça; é o effeito mais frisante sahindo da expressão mais candida e ingenua, é o segredo da Judic, é o seu talento extraordinario, é a belleza extraordinaria do seu olhar, o extraordinario encanto do seu sorriso da sua bocca adoravel de parisiense.

Das actrizes notaveis que tem vindo a Lisboa, Judic é a mais extranha pela simplicidade do seu jogo scenico, pelo processo incomprehensivel e unico com que ella realisa as maiores difficuldades da arte de representar, sem um momento sequer se adivinhar o esforço, se ver a *ficelle*.

A scena da embriaguez do 2.° acto da *Femme à Papa*, revelou Judic aos portuguezes sob um aspecto inteiramente novo.

Em toda a *Lili*, mostrara-se ella uma deliciosa cantora de *vaudeville*, dizendo o *couplet* e a phrase como nunca tinhamos ouvido dizer em theatro, nem nós nem ninguem, e é por isso, que ella é a primeira no mundo.

Na *Femme à papa* Judic mostrou-se uma actriz completa e extraordinaria. Representar assim é a mais perfeita manifestação da arte moderna, é a ultima palavra da verdade no theatro.

E o publico, surprehendido, maravilhado, fez-lhe uma ovação enorme, comprehendeu que não tinha defronte de si apenas uma *cantora* extremamente graciosa de *vaudeville*, mas tambem uma grande actriz de comedia, uma celebridade no mundo verdadeiro da arte.

Vendo-se Judic, é difficil prestar attenção aos artistas que a cercam, e ainda bem para esses artistas.

A companhia da Judic é muito inferior á da Chaumont, talvez tanto quanto a propria Chaumont é inferior á famosa Judic.

Depois de se ter visto a *Lili*, não é preciso ser um critico profundo para se conhecer a superioridade da Judic sobre a Chaumont; depois da *Femme à papa*, a comparação não se faz sequer.

Basta lembrarmo-nos do que a Chaumont era no *Divorçons*, uma das suas corôas, e comparar esse trabalho com o do 2.° acto da *Femme à papa*, para não haver hesitação possivel entre as duas actrizes.

A Chaumont só é realmente grande n'um papel — na *Cigale*. A Judic parece-nos que será grande em todos; denuncia-nos isso a *Femme à papa* e a *Lili*.

Da companhia da Judic ha só dignos de menção tres comicos, Edouard Georges, o melhor de todos, apesar de nas duas unicas peças em que o vimos, repetir os typos, mas que tem graça e faz rir o publico; Emmanuel, de quem gostamos muito mais nos dois primeiros actos da *Lili* do que na *Femme à papa*, e Worms, que tem alguns gestos e algumas expressões comicas rasoaveis: o mais vale pouco, e na companhia não ha nenhum artista que se aproxime do alto valor de Didier, que vinha com a Chaumont, d'aquelle actor que fez do Carcaume uma criação explendida, e nem mesmo de Noblet, que era magnifico na *Petite marquise*.

Escrevemos depois da segunda recita da Judic, falta-nos ainda vel-a em mais duas peças que são as suas mais gloriosas corôas, a *Nitouche* e a *Niniche*, e temos immenso desejo de que ella faça entre nós o *Divorçons*, que em Madrid teve um triumpho collossal; mas as duas peças em que a vimos, a *Femme à papa* e a *Lili*, bastam-nos para comprehendermos a fama enorme que a Judic tem, para darmos por bem empregado o dinheiro que demos pela nossa assignatura e para lamentarmos que sejam só cinco as recitas, e que tarde ou nunca mais a tornamos a ver em Lisboa.

Gervasio Lobato.

Visconde de Villa Maior
Julio Maximo d'Oliveira Pimentel

Tem estes ultimos annos sido fataes ás sciencias em Portugal. Se apparecem mancebos intelligentes, de talento e applicação, que farão um dia alargar os horisontes da sciencia e dar nome e lustre á sua patria, vemos a cada momento tombarem e esconderem-se no pó dos tumulos os antigos luctadores, que em tantos certames sustentaram alto e desfraldado ao sopro do destino o pendão da patria, outr'ora tão respeitado, hoje tão escarnecido e vilipendiado por traficantes de toda a especie.

É pequeno o paiz, é, e por isso não póde registrar nos seus fastos longa lista de celebridades, que egualem as estranhas; mas por pequeno que seja, difficilmente poderão soffrer confronto nas armas e nas lettras, nas sciencias e nos serviços á humanidade os nomes de Gil Eanes, Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama, Alvares Cabral, Affonso de Albuquerque, João de Barros, Fernão Lopes, Pedro Nunes, Francisco de Mello, Abrahão Zacuto, Martim Affonso de Sousa, D. João de Castro, Bartholomeu Lourenço, Marquez de Pombal, Conde de Castello Melhor, José Estevão, Herculano, Garrett, Infante D. Henrique e emfim Camões.

Não podiam de certo as sciencias em um paiz pequeno, de pouca população, relativamente, e entretido nas suas aventurosas viagens, dilatados descobrimentos, e missões civilisadoras, adquirirem o desenvolvimento, tomarem a altura e incremento a que subiram entre as nações estranhas. Os sabios e cultores das sciencias, quasi que não tinham descanço no nosso paiz; o remanço do gabinete quasi que era desconhecido, e a não ser nos conventos, onde o socego monastico prestava aos regulares toda a boa sombra necessaria para poderem entregar-se aos assumptos especulativos, por fóra d'elles, em geral o juiz, o cosmographo, o medico, o historiador, o poeta, tinham que empunhar a miudo, a espada, aperrar o arcabuz, embraçar o elmo, para acudirem ao baluarte derrocado, á amurada despedaçada, que inimigos de todas as nações tentavam invadir ou abordar.

Ainda assim, apesar d'esta lucta gigantesca, que durou seculos, a exploração cautelosa e conscienciosa não deixa de descobrir por debaixo d'esse moto vertiginoso que deslumbra os espiritos, o veiu ininterrompido da cultura intellectual, deslizando mais ou menos agitado por uma succesão de espiritos, que não deixaram apagar de todo, o verdadeiro lume da sciencia.

Dos robustos cultores d'este agro feracissimo era um dos mais conscienciosos, Julio Maximo de Oliveira Pimentel.

Espirito elevado, intelligencia clarissima, temperamento nervoso, houve tempo em que a sua personalidade se destacava no meio d'esta sociedade enervada, pela sua actividade pasmosa, e seu incessante labor. Elle na cadeira expondo aos seus discipulos as theorias e processos delicadissimos da chimica, que professava proficientissimamente, elle presidindo aos negocios de variada especie de que se occupa a municipalidade de Lisboa, a mais importante do paiz, elle na officina industrial, creando, ensinando, executando os processos aperfeiçoados para a fabricação de productos indispensaveis, elle na Camara dos representantes da nação, lançando no meio das discussões agitadas a nota scientifica que devia regular os assumptos que muitas vezes a paixão desvairada faz transtornar e perverter, elle na Academia das Sciencias apresentando trabalhos do mais subido valor scientifico, ou fazendo justa e elevada commemoração dos engenhos illustres que o precederam ou seguiram na estrada da sciencia, mas desappareceram antes d'elle, deixando nos fastos da patria um rasto mais ou menos luminoso.

Mais tarde, quando o corpo fatigado de trabalho, sentia cada vez mais os dolorosos effeitos do grave ferimento que em annos tenros, recebera no campo da honra, ainda teve que presidir aos destinos do estabelecimento scientifico mais antigo, importante e complexo do paiz, onde o seu espirito lucido, animo recto, e caracter firme, energico mais prudente o deixaram empunhar com toda a imparcialidade e segurança o leme da direcção superior.

(Continua) *J. B.*

MANUEL DE SOUSA CARQUEJA

FUNDADOR E CO-PROPRIETARIO DO «COMMERCIO DO PORTO»

Na lapide funeraria do grande pantheon dos benemeritos, acaba de inscrever-se em caracteres perduraveis do mais vivido reconhecimento publico, um nome que passou á posteridade, engrandecido pelos hossahnas abençoados de um respeito e estima tão fervorosos como sinceros.

Se a immortalidade dos heroes antigos se eternisou pelo esforço ingente do seu animo audacioso, a perpetuidade gloriosa dos inclitos da geração nova deve deificar-se pelas tradicções impereciveis da sua extrenue dedicação em prol da humanidade.

Os trabalhadores preseverantes da obra immensa da civilisação, merecem bem a justiça de uma apotheose preclara e se o nome que encima estas linhas teve já a sua consagração posthuma no elogio concorde da verdadeira interprete da opinião nacional — a Imprensa, — o preito que vamos tributar n'esta folha, á memoria d'esse inclito cidadão, será como um paragrapho mais, augmentado ao epitaphio honroso do seu tumulo, mais uma pedra collocada sobre o inabalavel dolman que a saudade edificou para guardar nas profundezas dos seus arcanos inviolaveis a essencia d'aquelle espirito indefeso.

Se o illustre finado não tivesse já nos fastos da sua existencia prestante, circumstancias que o assignalassem á consideração e respeito da sociedade, bastaria para lhe merecerem as benemerencias do reconhecimento publico, o monumento propagador que architectou e consolidou com a persistencia infatigavel de um convicto obreiro do progresso.

Esse monumento é o jornal «O Commercio do Porto», livro quotidiano em cujas paginas se vae fazendo hora a hora a historia do movimento politico e intellectual do seculo, movimento que elle tambem illustra com a auctoridade das suas opiniões imparciaes e com o pezo do seu conselho esclarecido.

As condições especiaes que se dão entre o auctor d'estas linhas e o fundador d'esse periodico que tambem serve ha já bastantes annos com os recursos imperfeitos do seu trabalho intellectual, poderiam tornar suspeitas e apaixonadas as palavras que ficam aqui impressas, se não fossem ellas a repercussão fiel do parecer ha pouco emittido pela unanimidade austera do jornalismo do paiz, ao assignalar o passamento do laborioso jornalista.

Assim, quanto tenhamos de escrever ainda a respeito do inolvidavel extincto, ninguem o tome á conta de adulação cega ou de preito benignamente encomiastico a um caracter que de per si se impunha á admiração de todos pela sua integridade e pelas suas excellencias

Manuel de Sousa Carqueja nasceu na antiga rua das Congostas da cidade do Porto em 23 de novembro de 1821, tendo por progenitores Manuel de Sousa Carqueja, commerciante honrado e bondoso, e D. Gertrudes Carqueja, senhora de elevadas virtudes e de esclarecidos dotes de espirito.

Educado no celebre collegio da Mão Poderosa, da Formiga, se não teve ahi uma educação scientifica completa, obteve n'elle comtudo elementos que lhe desenvolveram o gosto pelas lettras e assim foi, que no meio das locubrações litterarias a que se entregava nas horas livres da vida commercial a que se dedicara como seu pae, planeou com o sr. dr. Henrique Carlos de Miranda seu amigo de infancia, a fundação de um periodico que se dedicasse especialmente a assumptos commerciaes, agricolas e industriaes.

Com o titulo, pois, de «O Commercio», publicando-se tres vezes por semana, appareceu o primeiro numero d'essa folha no dia 2 de junho de 1854, sendo o seu formato de pequenas dimensões.

Merecem ler-se os seguintes periodos do artigo programma inserto n'esse primeiro numero:

«N'esta epocha em que a nação portugueza ávida de sciencia busca a resolução dos seus principaes problemas de economia agricola, industrial e de commercio, passando-os pela fieira da discussão das associações, nas camaras e na imprensa, um jornal privativo d'estas materias será, entendemos nós, bem recebido na praça do Porto.

. . . .

«Nossa missão ha de conduzir-nos forçosamente á analyse dos actos governativos que disserem respeito ás tres classes a que dedicamos o nosso jornal. N'essa analyse separaremos sempre os factos das pessoas sem molharmos nossa penna nas paixões politicas; seria inutilisar-nos fugindo do verdadeiro fim d'este periodico. Como consequencia renunciamos a toda a cooperação que não seja o raciocinar placida e constitucionalmente sobre a materia.

É na observação rigorosa dos principios consignados n'estes periodos que o «Commercio do Porto» se tem mantido e elevado no conceito publico.

Foram amargurados e difficeis os primeiros periodos da nova empreza jornalistica, mas a persistencia inquebrantavel dos seus fundadores, a actividade extraordinaria de um d'elles principalmente, o nosso biographado, e o caminho recto e digno em que sempre se mantiveram, aplanaram todos os embaraços, destruiram todos os attritos.

Assim o «Commercio do Porto», impresso a principio na Typographia Commercial do finado Francisco José Coutinho, estabelecia-se com typographia propria em 23 de novembro de 1854 na rua de S. Francisco, no 1.º de janeiro de 1855 passava a diario e em 1858 mudava as suas officinas para a casa que ainda hoje occupa na rua da Ferraria.

Se ha titulos de gloria de que o finado devesse ufanar-se, seria sem duvida alguma o principal, o que lhe proveiu da fundação do periodico em que dispendeu todo o afan de uma inergia exemplar, todas as faculdades de uma capacidade comprovada.

Crear, dirigir e collocar uma folha periodica na posição honrosissima de independencia e de integridade em que o «Commercio do Porto» se acha na imprensa portugueza, não é trabalho de um espirito futil, não é encargo de uma intelligencia mediana.

Muita honestidade, muito senso politico, muita firmeza de caracter, e muita constancia no desempenho de um dever grandioso, eis as qualidades peregrinas de que Manuel de Sousa Carqueja deu provas exuberantes na direcção do jornal qun fundou.

Mas outros dotes ainda possuia o genio prestante e o coração bondoso do nosso biographado.

Amigo leal e dedicado, a sua estima representava um culto consagrado aberta e francamente a quantos lh'a sabiam ter inspirado.

Alma generosa e compassiva, a sua magnanimidade nunca se retrahia aos impulsos expontaneos da mais acrisolada beneficencia.

De viver simples e desaffectado, sem ostentações nem vaidades, recusou por vezes distincções com que a munificencia regia desejava galardoar-lhe os serviços do seu jornal, acceitando apenas as honras de adido á embaixada de Paris e o habito da Conceição.

Aquella, unicamente para proporcionar a sua extremecida mãe a innocente surpreza de se lhe apresentar fardado em um dia de annos; esta para usar só nas suas viagens no extrangeiro, como meio de apresentação facil a logares cujo ingresso depende sempre de trabalhosas recommendações, que uma simples condecoração muitas vezes dispensa.

Era socio honorario da Associação Commercial, pela defeza que prestára por meio do seu jornal aos interesses mercantis do Porto e do paiz; unico socio benemerito da Sociedade de Soccorros dos Typographos Portuenses, pela estima que dedicava áquella classe e pelo donativo que em vida fizera á mesma agremiação; e socio honorario da Associação Liberal Portuense e de muitas outras agremiações litterarias e de soccorro.

Apesar da sua organisação vigorosa e do seu espirito incansavel, os conselhos da medicina haviam-o compellido ha annos a abstrahir-se de todos os trabalhos do jornal, procurando em uma vida distrahida e socegada a reconstituição das forças physicas quebrantadas pela assiduidade de uma labutação extenuante de longos annos.

No remanso d'essa especie de aposentadoria forçada, não deixára porém nunca de seguir com os desvelos de verdadeiro pae, a vida honesta do filho dilecto da sua actividade, o «Commercio do Porto», chegando inclusivamente nos ultimos tempos a traduzir para elle alguns folhetins, que depois foram reimpressos em volume com destino a uma obra piedosa.

A sua residencia annual dividia-a entre Lisboa e o Porto e a primavera empregava-a n'estes derradeiros annos em viagens pela Europa.

Foi no regresso da ultima d'essas digressões que o accommetteram os primeiros symptomas da molestia que o fez resvalar para o tumulo.

Irremediavelmente perdido para a sociedade e para os seus, dir-se-ia que o presentimento da morte o levára a dar as ultimas despedidas aos membros da sua familia mais afastados do Porto. Assim foi penosamente para Oliveira de Azemeis para casa de seu irmão o bemquisto commerciante d'aquella villa o sr. Bento de Sousa Carqueja, e alli se lhe cerraram para sempre as palpebras no alento supremo do trespasso eterno, pelas 6 horas e meia da manhã do dia 21 de outubro.

Aos seus funeraes, humilissimos em apparato religioso segundo as suas ultimas vontades, concorreu tudo quanto o Porto possue de mais grado, fazendo-se representar n'elles tambem todas as classes sociaes e todos os partidos politicos sem distincção.

Foi uma grandiosa e justa homenagem prestada á memoria de quem em vida soubera captivar as maiores sympathias e merecer os maximos respeitos.

Morreu o homem, mas reviverá a sua memoria dilecta no jornal que creou e no coração de quantos lhe veneraram as virtudes e lhe apreciaram os meritos.

Paz áquelle espirito generoso e bom em que se fundiram ao calor dos sentimentos mais puros, as multiplices consubstanciações do cidadão prestante, e do jornalista intelligente, da honradez inconcussa, da affabilidade captivante, da amisade dedicada, da beneficencia consoladora e do trabalho prestadio.

Porto, 27 de outubro.

Manuel M. Rodrigues.

HOSPITAL DA MISERICORDIA DO PORTO

A irmandade da Santa Casa da Misericordia do Porto foi instituida por el-rei D. Manuel, em carta regia de 14 de março de 1499, doando-lhe a antiquissima albergaria de Roc-Medor, ou Roque Amador, para n'ella reunir todos os hospitaes e albergarias que existiam disseminadas pela cidade.

Em consequencia das circumstancias precarias em que se encontrava essa irmandade, teve ella de pairar errante, nos dois primeiros annos, por diversos sitios, conseguindo afinal, depois d'esse lapso de tempo, instalar-se nos antigos claustros da Sé, que lhe foram concedidos por emprestimo, bem como a capella de S. Thiago, situada no mesmo local, onde se conservou até dezembro de 1559, sendo então transferida a séde da sua administração para a rua das Flores, onde está a igreja da Santa Casa.

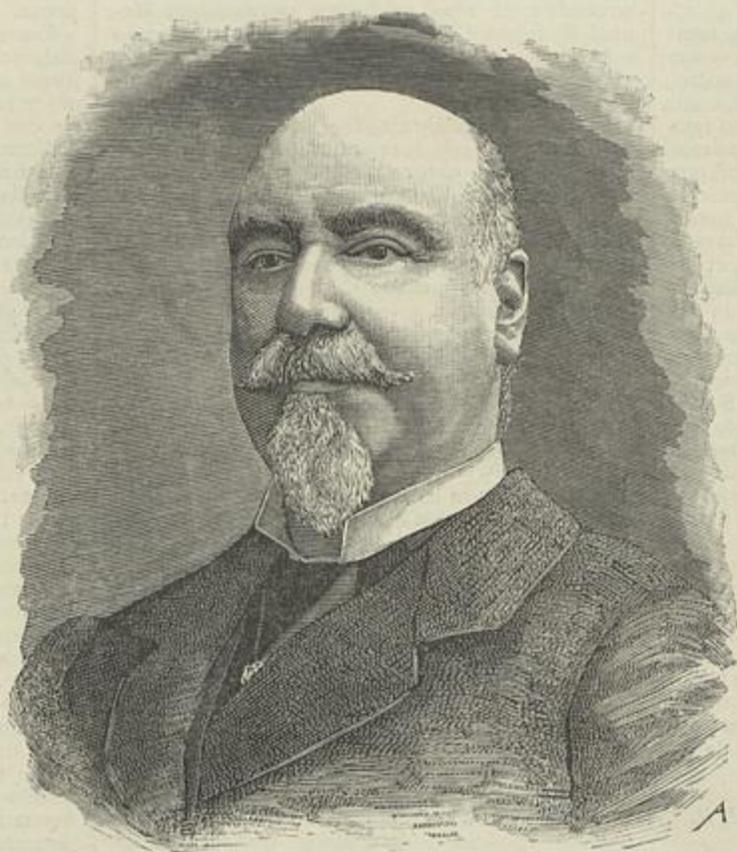
A albergaria de Santa Maria de Roc-Medor, fundada pela rainha D. Thereza, teve a sua primeira instituição na Sé, doando-a a referida fundadora ao bispo D. Hugo em 14 das Ral. de maio de 1158.

Em 16 de junho de 1418, D. Martin Mendes instituiu na Sé uma capella e dotou com importantes donativos o hospital de Roque Amador, organisando-se por essa occasião uma confraria.

Em conformidade com o alvará de D. Manuel,

a irmandade da Misericordia tomou conta da administração da referida albergaria em 1521, reconstruindo mais tarde sobre os seus alicerces um novo hospital com o legado instituido por D. Lopo de Almeida.

Este benemerito cidadão que bem se póde considerar como o verdadeiro fundador do hospital da Misericordia, descendia de uma das familias mais distinctas do reino, sendo filho do contador da casa e reino D. Antonio de Almeida e de D. Maria Paes. Era natural de Lisboa e irmão tambem de D. Francisco de Almeida, vice-rei da India. Foi sacerdote do habito de S. Pedro, do conselho de el-rei e confessor da infanta D. Maria, filha de el-rei D. João III, casada com Filippe de Castella, a quem acompanhou para Madrid, onde falleceu a 29 de janeiro de 1584, legando todos os seus bens á Misericordia do Porto, para fundação de um hospital, com a obrigação de em cada anniversario da sua morte se vestirem cinco pobres, *barbeando-os* e dando-lhes de jantar, devendo os contemplados assistir a uma missa por sua alma. Esta disposição testamentaria cumpre-se todos os annos n'aquelle dia.

As novas obras que em consequencia d'esse legado se fizeram na albergaria de Roque Amador ou Roda Velha, situada na rua Velha ou dos Caldeireiros, fizeram com que o novo hospital perdesse a sua antiga denominação, ficando desde então com o titulo de hospital de D. Lopo, N'elle eram recolhidos os peregrinos que passavam por esta cidade.

MANUEL DE SOUZA CARQUEJA — FALLECIDO EM 21 DE OUTUBRO DE 1884
(Segundo uma photographia de Fonseca & C.ª)

Mais tarde mudou-se o referido hospital para o edificio da rua das Flores onde hoje está a secretaria da Santa Casa, e como fossem augmentando os encargos d'aquella instituição de caridade, decidiu a meza da irmandade construir um novo hospital mais amplo e desafrontado.

Parece que a primeira idéa foi edifical-o no sitio do convento de Santo Antonio da cidade, onde hoje existe a Bibliotheca Publica, tendo-se até comprado o necessario terreno e solicitado a auctorisação regia, mas como surgissem desintelligencias entre dois membros da meza, um dos quaes morava junto ao Campo da Cordoaria, conseguiu este que os seus collegas reconsiderassem e se erigisse o edificio no mencionado campo.

Em consequencia d'isto foram comprados *extra-muros* dois meios casaes, ditos do Roballo, sendo um a Rosa Angelica de S. José, filha de Manuel Gomes da Silva por 3:206$000 réis, e o outro a João Ribeiro e sua filha Anna Thereza Luiza por 2:084$000 réis, como consta da escriptura lavrada em 1769 na nota primitiva da Santa Casa, pelo tabellião Manuel da Cunha Valle.

A planta do novo edificio foi incumbida ao architecto inglez João Karr, de York, que recebeu por esse trabalho 500 libras.

É realmente extranhavel que tratando-se de um edificio de uma corporação de caridade, que não tinha n'essa epocha ainda meios para a ostentação de uma obra dispendiosissima, tanto o architecto como

AFRICA PORTUGUEZA — CHILOANGO, NO ZAIRE (Segundo uma photographia de Moraes)

Hospital da Misericordia, no Porto (Segundo uma photographia)

a administração que approvou o seu plano se abalançassem a uma edificação em que se deviam consumir centenares de contos de réis, quer pela sua magnificencia, quer pelas más condições do terreno em que seriam necessarios alicerces de um custo importante.

O resultado d'essa tresloucada idéa foi que decorrido já mais de um seculo, o hospital tem apenas erguida uma das suas fachadas, a do nascente, e essa ainda incompleta, terminada a quarta parte da do sul e começada a do norte.

O estylo architectonico d'esta immensa fabrica é o italiano que predominou muito em Inglaterra pela propaganda persistente que fizeram n'aquelle paiz diversos architectos de Italia. Mais tarde esse estylo foi completamente banido alli para dar logar ao nacional, o gothico.

O edificio é quadrangular e segundo o projecto devia ter 699ᵐ,60 de circumferencia, medindo as fachadas éste e oeste 174 metros cada uma, e as outras duas 179ᵐ,33.

No centro do pateo interior, limitado pelos quatro corpos da edificação, teria de erguer-se uma igreja com 28ᵐ,60 de comprimento em cada uma das suas faces, 16ᵐ,90 de diametro interior e 44 metros de altura, desde o pavimento até ao topo da cruz do zimborio. O templo seria ornado com 22 columnas de 8ᵐ,80 de altura, e 4 estatuas de 3ᵐ,96 de alto.

O hospital devia ter 3 pavimentos, 159 salas e salões, 142 enfermarias, 20:609 portas e janellas, 28 estatuas de 3ᵐ,96 cada uma, 176 columnas, a maior parte de 8ᵐ,80, 100 pyramides, 5:586 balaustres e 56 escadas principaes com 3:000 degraus.

Em consequencia do terreno pantanoso em que o edificio foi construido, tiveram de fazer-se em alguns pontos alicerces de 22 metros de altura, havendo paredes com a espessura de 11 metros.

Diz-se que o architecto projectára essas paredes de tijolo e qne ficára muito surprehendido quando soube que eram feitas de granito.

O facto é que esta extraordinaria construcção não se terminará nunca, não só pelas grandes sommas que seriam necessarias para a sua conclusão, como tambem porque o hospital está condemnadp por auctoridades competentes, já pela sua situação, já pela sua pesada estructura.

(Continúa) *M. M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

ZAIRE — CHILOANGO

Já em o numero anterior nos referimos ás vistas d'este rio que possuimos.

Hoje apresentamos a de *Chiloango,* que quer dizer *o Loango,* povoação assente em um dos muitos pontos graciosos d'aquelle grande rio.

Algumas cabanas de construcção singela mostram que a povoação ainda não muito desenvolvida, já vae tendo seus ares de civilisação. Os barcos estão encostados á margem, á sombra dos arbustos e arvores gigantescas como aquella que se destaca a meio da estampa. As negrinhas, em trage pouco menos que adamitico, lavam as suas leves roupas, que não lhes hão de causar muito calor.

O Zaire é agora um prato obrigado nos banquetes diplomaticos, e como não sabemos se será de difficil ou facil digestão, vamol-o apresentando pela fórma mais innocente que podemos.

NOVA ARTE DA GUERRA

Arma Alexandre

Acaba de ser inventada mais uma poderosa arma de destruição que segundo parece leva vantagem a todas até hoje conhecidas.

Não se trata de uma metralhadora ou algum grande canhão Krupp ou Armstrong, cuja simples vista impõe respeito e horror, pela destruição que tão formidaveis machinas de guerra vomitam de suas boccas mortiferas; mas simplesmente de um singelo tubo, que mais parece um telescopio que machina de guerra, e que não obstante é a arma mais terrivel que se tem inventado.

Assim o affirmam os periodicos de New-York, dando noticia das experiencias feitas por Mr. Alexandre Windsor inventor d'este apparelho destinado a lançar a grande distancia projectis de dynamite.

As experiencias fizeram-se por ordem do governo de Washington e provaram que os projectis de dynamite lançados pela arma ou tubo Alexandre, destruiriam em poucos minutos qualquer exercito ou praça de guerra, taes são os seus terriveis effeitos.

Esta arma funcciona sem estampido, lançando os projectis de dynamite simplesmente por meio da compressão do ar sem fogo nem fumo, emissora da morte com uma modestia singular, que dissimula completamente a sua obra de destruição.

Este invento vem fazer uma revolução na arte da guerra, que assim irá simplificando os seus meios de ataque ou defeza, e por felizes nos deviamos dar se estes inventos e outros que se seguirão, acabassem com a guerra pela simples rasão de a tornarem impossivel; mas não teremos essa satisfação, porque a guerra ha de existir em quanto houver homens, a despeito de todos os progressos e civilisação, e n'esse caso diremos: para que nos havemos aterrar com as epidemias e cataclysmos da natureza, quando o homem se preoccupa com estes malditos inventos destruidores da humanidade.

A pagina 248 poderão os nossos leitores ver o desenho do apparelho Alexandre, disposto para funccionar no mar e em terra.

Architectos da Batalha e dos Jeronymos

I

Vem já de longe esta epigraphe nas columnas do Occidente, encabeçando uma série de artigos meus, relativos á historia da architectura patria, e com especialidade da construcção e delineamento do templo dos Jeronymos. A segunda série d'esses artigos, inserta no vol. IV d'este periodico, mereceu ao erudito investigador, sr. Brito Rebello, alguns reparos, cuja alta significação eu agradeço, pois provam que o meu modesto estudo lhe fixou a attenção por algum tempo, mas cujas conclusões desde logo fiz tenção de rebater em grande parte, por não conforme com ellas, nem á luz da critica, nem da imparcialidade, nem tão pouco dos documentos.

É essa replica que hoje apresento, bem tardia, é certo, mas por isso mesmo tambem mais consciencIosa e forte. Occupações officiaes quasi constantes têem contrariado com obstinada insistencia o meu desejo de me instruir cabalmente em varios pontos, manuseando impressos, decifrando manuscriptos, invocando auctoridades, consultando opiniões, de modo a poder enunciar de novo, bem evidente e bem seguro, o meu modo de ver critico ácerca do assumpto. Só hoje o posso fazer. Embora. Quem vem, não tarda. O meu empenho é simplesmente procurar restabelecer e firmar muitas das asserções anteriores, que a doutissima competencia do meu illustre censor, tinha abalado com tanta energia, quanta injustiça.

A pag. 183, pois, do citado vol. IV escrevêra eu: *Voltou Boutaca á Africa em 1514, mas d'esta vez como architecto;* ao que accrescentou em nota o sr. Brito Rebello: *Deve ter estado alli por muito pouco tempo, porque desde março a dezembro foram-lhe pagas as férias em Belem.* Ora isto não é exacto. Examinando o mais volumoso dos cadernos, que existem na Torre do Tombo, relativos á obra de Belem (1), apparece o ponto de Boutaca tomado ás semanas, na cabeça de todos os mais artifices, desde segunda feira, 20 de março, até á semana finda em 20 de maio (domingo). Aqui encontra-se a omissão d'elle, por espaço de 13 semanas, prova de que esteve ausente durante esse tempo; e em 21 d'agosto torna a apparecer. Não trabalhou portanto *seguidamente,* de março a dezembro, em Belem. Trabalhou de 20 de março a 20 de maio, e depois, de 21 d'agosto até á semana de 11 de dezembro do mesmo anno.

(1) Caderno de férias das obras do anno de 1514.

O PAPÁ GILBERTO

(Continuado do n.º 210)

VII

As questões de moralidade

Assim elle examinava cuidadosamente as extremidades dos dedos das mãos aos sobrinhos para vêr se estavam crestados pelo fumo, tomava-lhes o alito da bocca e exercia sobre elles uma vigilancia perpetua.

Nos casos de namoro exercia uma preponderancia inquisitorial.

Avisava os paes, escrevia ás sobrinhas cartas anonymas, intrigava os chischibeus e quando lhe parecia conveniente, mandava-lhes applicar uma boa sóva porque para fazer mal houve sempre gente que estivesse prompta.

Quando todos estes meios se tornavam inuteis cortava absolutamente relações com similhante gente e prevenia-se d'ella em casa fechando-lhes as portas e estabelecendo rigoroso cordão sanitario para que lá não penetrasse a peste de que andava contaminada.

Certo dia entrando em casa de uma das irmãs pobres encontrou lá de sala um menino bonito, todo chegado á sobrinha em inspirados requebros de Adonis de pão com manteiga.

Perguntou logo quem elle era, relanciando-lhe olhares furibundos de ferrabraz destemido.

Acudiu immediatamente a irmã, porque lhe conhecia bem o genio, e levou-o lá para dentro para lhe contar tudo, começando por dizer lhe que era o namorado da menina.

Não podia começar peior.

Gilberto bateu o pé furioso e exclamou dirigindo-se á irmã com olhares fulminantes.

— Vossemecê é uma mulher perdida.

— Mas oiça mano, elle é pessoa muito capaz, nem de outra maneira eu consentiria que se approximasse de minha filha.

— Rua, rua, ponha-o já na rua, vá quebrar esquinas

A irmã afflicta recommendava-lhe que falasse baixo.

— As coisas não se fazem assim, mano.

— Pois então como se fazem?! Mettendo os homens em casa, abrindo á prostituição as portas do lar sagrado das familias?! Vossemecê mana perdeu o juizo.

— O juizo perdeu o mano. É muito bom. Devo-lhe obrigações bem o sei, mas isso não o auctorisa a fazer pouco de minha casa e a pôr em duvida a minha honra.

— Pois sim, mas vae servindo de alcaiota á filha, vae-lhe dando costas, vae-a mettendo a caminho.

A paciencia tem certos limites e a pobre da mulher havia-os transposto já.

— Ouviu? lhe disse. Eu não preciso de tutores que já estou velha para receber lições de ninguem. Demais estou em minha casa e hei de fazer n'ella o que quizer, e admittir quem me parecer decente de aqui entrar, sem dar satisfações a ninguem. Comprehende?

— Comprehendo, repetiu Gilberto assoprando de raiva.

E pondo o chapeu na cabeça dirigiu-se para a escada dizendo:

— D'hoje para o futuro não conte mais commigo Acabou-se-lhe a lambéria. Eu cá não sustento vicios. Viva, passe muito bem.

E foi-se como um foguete.

A irmã ficou assombrada não só do que ouvira, como tambem do que dissera o mano.

Elle é quem a sustentava, quem lhe pagava as casas, quem lhe occorria a tudo. Que havia de fazer agora á sua vida?

Dirigiu-se para a sala soluçante e afflicta.

Estava desgraçada, accusava o seu genio, lastimava o genio do irmão e dizia mal á sua sorte.

Era uma scena tocante e sensibilizadora.

O rapaz que havia concluido os seus estudos na Polytechnica, e estava em vesperas de sair alferes, ergueu-se com solemnidade e disse:

— Já que fui a causa d'este desgosto, a mim cumpre opôr-lhe remedio immediato.

— O senhor não tem culpa nenhuma, lamuriou d'alli a irmã de Gilberto.

A rapariga fazendo beicinho tambem soluçava a um canto.

O gato espreguiçando-se indolentemente sobre o tapete sapateava com as patas dianteiras um novello d'algodão desgarrado da cesta da costura.

— Eu caso com sua filha, proseguiu o rapaz, e tudo está acabado. O que se ha de fazer ao tarde faça-se ao cedo.

Essas 13 semanas de ausencia concordam perfeitamente com o tempo em que elle dirigiu na Africa a *medição* das obras de Alcacer, Ceuta, Tanger e Arzilla. Com effeito, segundo o manuscripto em que se archivam essas medições, e que tambem existe na Torre do Tombo (1), elle começou o seu trabalho em cada uma d'aquellas praças de guerra, respectivamente, a 12 de junho, 28 de junho, 17 de julho e 28 de julho. Andou assim durante tres mezes em serviço na Africa, distrahido da obra dos Jeronymos.

Eu bem sei o que levou o sr. Rebello ao erro de affirmar que *de março a dezembro* foram pagas a Boutaca as férias em Belem: é que no citado caderno, em 8 d'aquellas semanas em que falta ao ponto o notabilissimo architecto, vem não obstante escripto o nome d'elle, podendo parecer á primeira vista que não se achava ausente. Uma observação mais demorada e attenta demonstra porém, que, n'essas semanas, o nome de Boutaca vem, não á margem do papel, inscripto no rol da féria, mas ao centro e na frente d'um pequeno grupo de operarios, — termo medio 12, — os quaes o mesmo caderno chama *creados de mestre Boutaca. Creados;* quer dizer, — subordinados, artifices, aprendizes, filhos do seu ensinamento, sequazes da sua escola. Tão dominadora era assim a influencia artistica de Boutaca, tão incontestavel o seu merito, tão luminosa a sua competencia, que, quando retirava da obra que planeára, porque se houvesse mister dos seus officios em qualquer outro trabalho de monta, lá ficava um grupo de operarios, seus educandos, desbastando pedra sob o seu influxo e as suas instrucções. O proprio sr. Rebello conheceu mais tarde o erro da nota que tão precipitadamente lançára ao papel, porque a pag. 230 a rectifica com toda a lealdade.

De 1515 não existe o caderno relativo ás obras. Em 1516, apparece o ponto de Boutaca, de 11 de fevereiro a 25 de agosto (2).

Diz ainda o sr. Rebello, na mesma nota 1.ª de pag. 183, que Boutaca devia ter ido á Africa *da primeira vez como pedreiro.* Não posso concordar. Por serviços de pedraria não se investia ninguem cavalleiro n'aquella epocha de remontados heroismos em que a valentia, a coragem, o ardor bellico occupavam o primeiro logar. Ao alvorecer do seculo XVI, ainda um guerreiro era quasi um semi-deus e um architecto simplesmente um operario. D. Quichote valia mais do que Vignola. A investidura de cavalleiro, dada honrosamente a Boutaca por Affonso V, e a solemnidade do armamento, feita pela conde de Borba segundo o ritual, provam de sobejo que o nosso artista fôra um dos valentes que da patria tinham occorrido pressurosos a valer aos nossos dominios em perigo, na Africa septentrional.

(1) Livro da medição das obras de Alcacere, etc.
(2) Caderno da importancia da cal que veiu, etc.

Quanto á segunda nota da mesma pag. 183, concordo em que Castilho e Boutaca trabalharam conjunctamente nos Jeronymos, e que Castilho já ahi andava empregado em 1514. Uma rectificação porém: João de Castilho occupava alli logar muito secundario na hierarchia artistica; Boutaca sentava-se-lhe no vertice. Nem admira Este fôra o delineador do monumento e estava em edade madura, na posse inteira do talento; aquelle contava apenas, ao tempo, 24 annos.

Respeito á rectificação da mesma nota: — *Castilho era canteiro e não alvenel,* — perdôe o sr. Rebello, mas não a podemos tomar a serio. Bem sei que o canteiro trabalha em cantaria, e em alvenaria o alvenel; bem sei tambem que João de Castilho trabalhava nomeadamente em cantaria: mas, por amor de Deus! deixem-n'os usar dos termos com uma certa extensão. Não é isso erro, é uma permissão de rhetorica. Chamar genericamente alveneis a todos os artistas que affeiçoam alvenaria e pedra, generalisar pela *extensão* um vocabulo qualquer nos limites do admissivel, nunca foi vicio litterario, creio eu; ou, se o é, precioso vicio, de que os mestres me dão exemplos não pequenos!

(Continúa) *Abel Acacio.*

RESENHA NOTICIOSA

COLONIA NO ZAIRE. O sr. Narciso Feio formou o projecto de organisação de uma colonia civilisadora na região do Zaire, que nos pertence, e o seu apello achou echo em mais onze mancebos que se lhe associaram e estão dispostos a acompanhal-o. O patriotico iniciador tem recebido muitos cartões de felicitação, mas offerecimento de auxilio ainda nenhum, e com razão diz elle que francamente desejaria antes este. Crê o dedicado mancebo que o governo está disposto a auxilial-o, isso tambem nós acreditamos sem a minima duvida. Julga elle que ha no paiz individuos que não duvidarão protegel-o n'este empenho, de certo modo tambem o acreditamos, menos da parte dos argentarios, como se tem visto com a colonia *Maria Pia* em Mossamedes, o melhor ponto de Africa, a qual tem que ir mendigar ao extrangeiro os fundos necessarios, não se achando o commercio e a finança portugueza com a coragem de lhe prestar noventa contos de réis, nem quarenta e cinco, nem trinta!... Louvamos e applaudimos os nobres intuitos do sr. Narciso Feio e seus onze companheiros, e acreditamos que o seu apostolado achará mais echo entre os conguezes do que entre os egoistas do dinheiro; já dizia Camões que

O favor com que mais se accende o ingenho
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cabeça........................

e se isto dizia elle no tempo em que as nossas praças commerciaes abundavam de navios proprios, que levavam os productos da Asia, da America e da Africa a toda a Europa, que diria elle hoje que o mais que se faz é jogar na bolsa? O plano da colonia é o seguinte: 4 secções — 1.ª *agricola,* composta de 1 agronomo, 2 directores de trabalhos, 50 trabalhadores europeus; — 2.ª secção, *commercial,* composta de 1 director, 2 chefes de expedição ao interior, 10 permutadores de generos; — 3.ª secção, *civilisadora,* composta de 1 medico, 1 engenheiro, 3 professores de lingua portugueza etc., 1 missionario, (falta, ao menos 1 pharmaceutico); — 4.ª secção, *de industrias e officios,* composta de 8 pedreiros, 8 carpinteiros constructores, 2 ditos navaes, 2 de carros, 2 ferreiros, 2 serralheiros, 2 sapateiros, 2 alfaiates, 2 oleiros, 5 tecelões; — ao todo 105 pessoas, mas podendo partir todos os mais que quizerem. — Esta colonia é dirigida por um conselho contituido de sete individuos. Nas deliberações do conselho tem voto consultivo todos os individuos que partirem de Portugal, sendo comtudo obrigados a cumprirem as deliberações da direcção. — Na lista dos operarios faltam algumas classes que serão muito necessarias, e o iniciador ou iniciadores deverão procurar nos Açores e Madeira o nucleo dos seus auxiliares e companheiros, não só porque o exemplo da colonia Maria Pia, lhe dá probabilidades de bom resultado, mas porque d'ahi se tira tambem uma boa consequencia para o paiz, desviar a emigração que d'elle se faz para terras estrangeiras, e aproveital-a no que é nosso, pensamento que se tivesse sido seguido ha vinte, ou trinta annos, pelos nossos governos, devia haver hoje nas nossas colonias uma população portugueza talvez superior a 200:000 almas. Tambem se deve procurar que a maioria, ao menos da colonia sejam casados. Escusado é dizer quanto estimaremos o bom exito e prosperidade da empresa, porque as opiniões que o nosso periodico tem sempre apresentado e defendido com relação a este momentoso assumpto são por demais conhecidas. Não se deve portanto perder tempo, porque entre nós se a idéa não se aproveita em quanto está quente, a sua perdição é certa.

PADRE SERRÃO. A Camara municipal de Setubal, com o mais patriotico zelo, deliberou em uma das suas ultimas sessões encarregar o professor de pintura historica da Academia das Bellas Artes, de pintar o retrato do padre Joaquim Silvestre Serrão, celebrado compositor de musica, que fugindo ao bulicio do mundo se foi encerrar na ilha de S. Miguel, onde viveu longos annos até fallecer, e onde existem todas as suas composições musicaes, em geral sacras, que segundo a

---

E voltando-se para a menina consultou-a dizendo:
— Não é assim Maricas?
— Ella respondeu:
— Eu estou por tudo que a mamã quizer.
A mamã disse:
— Nada, nada, esses negocios são lá com o mano.
O rapaz não sabia para onde se voltasse.
— Ao tio d'ella é que o senhor se ha de dirigir, explicou a irmã de Gilberto.
Assim ficou pactuado.
Nem era crivel que houvesse opposição da parte do tio da menina.
O noivo era um rapaz de boa familia, e estava em principio de carreira honrosa. Não possuia fortuna mas tambem a noiva não era rica, ao contrario, era uma pobre orphã que estava ás sopas do tio sem outro arrimo mais do que a caridade dos parentes — uma coisa muito triste.
Obedecendo aos impulsos generosos que animam os espiritos juvenis em ardencias de uma phantasia côr de rosa, o rapaz deu-se pressa a pôr em pratica o seu proposito que tinha por objecto nobilissimo restituir a felicidade a uma familia que por seu respeito estava prestes a cair na desgraça, nos extremos da ultima miseria e do ultimo abandono.
Elle experimentava um nobre orgulho pela acção que ia praticar.
Era um grande sacrificio no principio da vida em que os recursos lhe não abundavam, mas emfim era tambem um dever.
Sentia-se ensoberbecido.
Levantava a cabeça com a consciencia de quem a podia erguer bem alto.
E foi assim que se apresentou em casa de Gilberto, de ponto em branco, luvas, melhor fato de domingo, perfumado como uma dama, barbeado, frizado, almiscarado como um Adonis.
Elle era um forte rapaz de bella apparencia e elevada estatura, um perfeito alemtejano bem posto e bem talhado.
As suas cores eram saudaveis, de um escarlate vivissimo, o seu olhar profundo e limpido, e os seus musculos salientes denotavam uma robustez de Hercules.
Mas tudo isto, perante a consciencia de Gilberto, sem alguns vintens que garantissem a vacca e o arroz, podia dar um bello carregador para a alfandega, mas de nenhuma maneira um bom marido para arrimo da orphã pobre que só tinha o palmito da cara.
O rapaz annunciou-se nas melhores disposições, como quem espera ser recebido de braços abertos, como a fortuna que entra pela porta dentro.
Gilberto mal o viu, logo o reconheceu e torceu-lhe immediatamente o nariz.
Mau pronuncio!
O pretendente perfilou-se dando-se ares de importancia como se quizesse inculcar bem claramente que não ia alli pedir nenhuma esmolla.
— Ha muito que para o bom fim, senhor, eu amo sua sobrinha.
Gilberto foi-lhe logo com as mãos á cara:
— Isso não é commigo, porque se fosse o caso havia de ser outro.
— Perdão, peço licença para me explicar melhor.
— De mais creio que o senhor se tem explicado... Se me quizesse fazer um favor era ir-se embora e não voltar a pôr pé em casa d'aquellas senhoras.
— Mas... voltou o pretendido noivo.
Gilberto enfureceu-se, levantou a voz e abriu amplo gesto.
— Se o senhor estimasse aquella menina, não a estava desacreditando, não se lhe mettia em casa a toda a hora, dando que fallar á visinhança.
— Mas perdão, porque se exalta?
— Que se importa? eu estou em minha casa. Os senhores são homens, sacodem as calças e por aqui me sirvo, mas com as senhoras o caso é differente. Não sei se me percebe? A mulher é como o vidro, em se quebrando jámais se concerta, e eu não quero nodoas na familia.
— Mas quem lhe disse que eu punha nodoas na sua familia?
— Então se não sabe o que faz, perdoe-me que lhe diga, mas é um tolo.
Uma phrase d'estas atirada ás faces de um homem que vae offerecer-se para marido, tornava-se duplamente offensiva.
— Desculpo os seus escrupulos (estes pretendentes, de ordinario, desculpam tudo), mas dou-lhe a minha palavra d'honra que sua sobrinha está tão pura como os anjos. Não lhe puz nenhuma nodoa. E que puzesse...
Gilberto de murro fechado repetiu:
— E que puzesse o que?!
— Se a puzesse, concluiu o pretendente, eu cá estava para lh'a tirar.
E á queima-roupa impingiu o seu pedido.
— Creio que não me recusaria a mão de sua sobrinha, e venho n'essa persuasão pedir-lh'a em meu nome e no de sua irmã.
Gilberto ficou embatucado.

(Continúa) *Leite Bastos.*

opinião dos conhecedores são do mais subido valor. A Camara municipal de Setubal, collocará depois o retrato do distincto maestro na sala das suas sessões e com isso honrará os dois maiores talentos que tem dado a formosa princeza do Sado: — Bocage e Serrão. Em tempo competente nos occuparemos d'este assumpto.

Beneplacito regio. Segundo o direito patrio nenhuma Bulla, Breve, Encyclica ou qualquer outro papel pontificio póde ser publicado ou executado no paiz, sem ter sido visto, examinado e auctorisado pelo poder civil. Recebido o *beneplacito regio* póde ter execução, e os nossos reis foram sempre muito ciosos d'esta sua prerogativa real, não sendo raros os casos em que tem havido demonstrações regias severas pela falta de observação d'este principio da soberania. Ultimamente o arcebispo de Goa e o bispo da Guarda por diversos modos deram publicidade a uma encyclica e a umas instrucções a ella referentes, o primeiro em o *Boletim Official do Estado da India*, e o segundo em uma pastoral, sem que taes documentos tivessem sido antes submettidos ao exame do governo portuguez. Por este facto em tres portarias, duas emanadas do ministerio da marinha, e uma do dos negocios ecclesiasticos e de justiça, em 25 de outubro ultimo, foi extranhado semelhante procedimento, esperando que não se torne a dar, caso em que terá de se proceder conforme o direito.

Strauss. No dia em que fazia 40 annos que João Straus o celebre compositor, regera pela primeira vez uma orchestra, tendo então 19 annos de edade, fez-se-lhe em Vienna de Austria uma festa de honrosa commemoração. Foi a 24 de outubro ultimo. N'esse dia o burgo-mestre (presidente da municipalidade) entregou-lhe o diploma de cidadão de Vienna, que a cidade lhe conferira. Á noite houve recita no *Ander-Wien* theatro, onde o celebre compositor obtivera os seus primeiros triumphos, trajando todos de gala. Strauss regeu a orchestra n'essa noite, e é escusado dizer o enthusiasmo que a sua presença n'aquelle logar despertou, e as ovações de que foi alvo. Executaram-se varios trechos e actos de algumas operas, terminando a festa com a execução da famosa walsa, conhecida sob a denominação de *Danube bleu*, que causou um delirio.

Monumento ao infante D. Henrique. Reuniu ha dias na Sociedade de Geographia a commissão encarregada de dar o seu parecer sobre o projecto de um monumento ao infante D. Henrique, a qual parece ter decidido não acceitar o projecto do sr. Victor Bastos, por ser muito dispendioso, e tomou outras resoluções que ficaram ainda dependentes de nova discussão. Sentimos aquella resolução, esperaremos que ella se reforme no sentido de se elevar um monumento digno do facto que se pretende commemorar, porque é só com estes grandes exemplos que se apura o patriotismo e se afervora o espirito publico. Trataremos em outra occasião mais detidamente do assumpto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas... *1884. David Corazzi, editor*... Administração, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, filial no Brazil, rua da Quitanda, 40, Rio de Janeiro — É o n.º 90 comprehendendo a *Historia maritima*. Tendo sempre proclamado a utilidade d'estes livrinhos, não podemos deixar de reconhecer o pouco cuidado com que foi tratada a parte relativa aos nossos progressos maritimos e descobrimentos, introduzindo-se n'ella, não poucas inexactidões e confusões. Por exemplo, diz-se que na segunda e definitiva tomada de Silves em 1240 *já parece que entraram forças navaes portuguezas*, como duvida, quando é indisputavel que entraram não só n'essa como já na primeira em 1189, meio seculo antes; tambem não é exacto que fosse D. Diniz o primeiro que mandou semear o pinhal de Leiria, que já tinha existencia em tempo de D. Sancho I. As nossas expedições de descobrimentos começaram, pelo menos, em tempo de D. Affonso IV, sendo por 1341 de novo descobertas as Canarias pelos portuguezes, como é de ha muito sabido. O infante D. Henrique não se foi estabelecer na *Villa do infante* se não nos ultimos annos da sua vida, antes d'isso vivia em Lagos, Sagres, na quinta da Raposeira e por muitas outras terras de Portugal; *Tristão Vaz* não tinha o apelido de Teixeira, e nos documentos apenas se lhe chama *Tristão*, sem mais nada. *Escola de Sagres* é um mytho insustentavel. A expedição de Bartholomeu Dias tinha por fim principal encontrar as terras do *Preste João*; na designação dos seus companheiros ha confusão; eram elles *João* (e não José) *Infante* e *Pedro Dias*, que commandava a nau dos mantimentos, *Pero de Alemquer*, bem como *Alvaro Martins* e *João de Santiago* eram os pilotos; *Bartholomeu Dias* ia por mar, completar a expedição que por terra mandara D. João II, composta de *Fr. Antonio de Lisboa* e *Pero de Montarroio* que por não saberem arabico voltaram, sendo mandados em seu logar *Pero da Covilhã* e *Affonso de Paiva*. *Pedro Alvares Cabral* não seguiu *provavelmente* os conselhos de *Vasco da Gama*, o seu regimento foi feito segundo as indicações do grande almirante. As viagens de *João Alvares Fagundes* são dos fins do primeiro quartel do seculo XVI, vinte annos pouco mais ou menos posteriores ás dos *Corte Reaes*. Estes não fizeram expedição nenhuma por mandado de D. Manuel, mas sim por sua propria deliberação, e á sua custa e despeza das suas casas; quem foi em busca de *Gaspar Corte Real*, desapparecido na sua ultima viagem de 1502, foi seu irmão *Miguel* e não *Manuel*. *Manuel Corte Real* era sobrinho d'elles e herdeiro de seu pae *Vasco Annes Corte Real*, capitão donatario de Angra, e fallecido em 1538, etc. Como o livrinho é para instrucção do nosso povo, e tanto anda disputado o que é nosso, como n'elle mesmo, a pag. 37, se diz, toda a exactidão achamos pouca.

Boletim da associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, 1.ª serie, n.ºs 3 e 4 relativos a agosto e setembro do corrente anno. Além de um artigo *O homem terciario* do sr. J. A. Barata, de outro *Locuções e vocabulos portuguezes* pelo sr. E. A. Vidal, comprehende as actas das sessões da commissão encarregada de dar seu parecer sobre os *Melhoramentos de Lisboa e seu porto*, segundo a consulta do sr. ministro das obras publicas, e o *Parecer* da mesma commissão, assignado pelo presidente da associação o sr. Pinheiro Chagas, 1.º secretario Candido de Figueiredo, e thesoureiro J. M. dos Santos, e pelos membros da commissão srs. Fernando M. d'A. Pedroso, presidente, Moita e Vasconcellos, A. de S. Pereira de Sampaio, A. J. d'Avila, Brito Rebello, M. Ferreira Ribeiro, F. J. da Costa Sequeira, secretario, e Z. Brandão e C. Seixas, relatores. O parecer é muito conciso, não repetindo o que está dito em tantos relatorios, mas faz considerações muito justas e sensatas sobre as obras a fazer e maneira de as executar.

A NOVA ARTE DA GUERRA — Arma Alexandre para o lançamento de projectis de dynamite

Les matinées espagnoles, *nouvelle revue internationale européenne par mr. le baron Stock*, n.º 6 e 7 do 1.º e 8 de outubro findo. Comprehende este fasciculo: *Débats politico-religieux au parlement espagnol*, por Castelar; *Le divorce chez les Lapins*, por Armand Durantin; *Le 8ème peché capital*, pela sr.ª de Rute; *Courrier de Bruxelles*, por Erlenkonig, *Les villes d'eaux portugaises*, por G. Torrezão; *Folk-Lore*, por Machado y Alvarez e dr. Hauser; *Necrologie; Bulletin financier*, e a continuação das traducções da *Historia da inquisição* de Alexandre Herculano e do *Primo Basilio* de Eça de Queiroz.

Manual do distillador e do licorista, etc. J. J. Bordado, editor, travessa da Victoria, 42, Lisboa. É a 7.ª edição que se publica d'este manual e n'isso está a sua melhor recommendação e tanto mais se se attender que a edição que acaba de sair a publico, é consideravelmente augmentada e reformada, tornando este livro de uma verdadeira utilidade, pela grande quantidade de formulas que ensina, tanto com respeito a vinhos, licores, vinagres, bebidas fermentadas, gelados, conservas, caldas, pastilhas, emfim, tudo quanto diz respeito a frasqueira e copa, como a toucador ensinando receitas para fazer agua de colonia e outras, preparadas para a pelle, cabello e dentes, etc., etc.

Typographia Elzeviriana — Lisboa